



O Gênero Narrativo Fantástico: Perspectivas Teóricas¹

The Fantastic Narrative Genre: Theoretical Perspectives

Marcus Vinícius Souza e Souza

Universidade Federal do Amapá

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2770-1926>

Marcus-vinicius-s@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho discute a teoria da Literatura Fantástica na visão de Todorov (2012) em *Introdução à literatura fantástica*, livro no qual foi apreciada a concepção do Fantástico na perspectiva tradicional, e na de Ana Luiza Silva Camarani (2014) em *A literatura fantástica: caminhos teóricos*, que trata da vertente contemporânea desse gênero. Nesse sentido, a pesquisa buscou enfatizar de modo comparativo essas duas teorias, com a finalidade de elucidar as transformações que o Fantástico sofre desde sua ascensão, no século XVIII, até o século XIX, a fim de fazer apontamentos sobre a evolução do gênero. Tais transformações serão ilustradas no conto *O Horla* do escritor francês Guy de Maupassant.

Palavras-chaves: Fantástico; Literatura Fantástica; Teoria da Literatura.

Abstract

The present work discusses the theory of Fantastic Literature in Todorov's vision (2012) in *Introdução à literatura fantástica*, a book in which the conception of Fantastic was appreciated in the traditional perspective, and that of Ana Luiza Silva Camarani (2014) in *A literatura fantástica: caminhos teóricos*, which deals with the contemporary aspect of this genre. In this sense, the research sought to emphasize in a comparative way these two theories, with the purpose of elucidating the transformations that the Fantastic undergoes from its rise, in the eighteenth century, until the nineteenth century, in order to make notes about the evolution of the genre. Such transformations will be illustrated in the short story *O Horla* of the French writer Guy de Maupassant.

Keywords: Fantastic, fantastic. Fantastic Literature; Theory of Literature.

¹ Esta pesquisa é resultado final de um estudo realizado em 2015 durante a vigência da bolsa do programa de Iniciação Científica PROVIC, o qual originou o trabalho de conclusão de Curso intitulado: **Teorias do Fantástico e uma análise do conto *O Homem de Areia*, de Hoffmann**, o qual foi publicado na Revista Barbante, disponível no endereço eletrônico: <https://www.revistabarbante.com.br/wp-content/uploads/2018/08/amapa2018_completa.pdf>.



1 Introdução

O presente artigo discute a teoria da Literatura Fantástica na visão de Todorov (2012) em *Introdução à literatura fantástica*, livro no qual será mostrada a concepção do Fantástico na perspectiva tradicional, e na de Ana Luiza Silva Camarani (2014) em *A literatura fantástica: caminhos teóricos*, que trata da vertente contemporânea desse gênero. Esses estudiosos são utilizados com a finalidade de definir o Fantástico.

Além disso, busca-se elucidar as transformações que o Fantástico sofre desde sua ascensão, no século XVIII, o qual está relacionado à presença de monstros e fantasmas, até o século XIX, em que a hesitação está ligada a temáticas psicológicas. Desse modo, visa-se ilustrar o Fantástico no conto *O Horla*, do escritor francês Guy de Maupassant.

Para o embasamento desse trabalho, além de Todorov (2012) e Camarani (2014), buscou-se fundamento nos estudos de Karin Volobuef (2000) em *Uma leitura do Fantástico: A invenção de Morel*, de A. B. Casares e *O processo*, de F. Kafka e José Paulo Paes (1985) em *As Dimensões do Fantástico*, entre outros.

2 Revisão de Literatura

2.1 O gênero narrativo fantástico: um breve histórico

Desde os tempos mais remotos, o ser humano convive com fenômenos que não podem ser explicados pela razão, como o significado da vida, a possibilidade de vida para além da morte, e mais recente, a existência de seres em outros planetas. De acordo com Cyrino e Penha (1985, p. 14) “o homem desde sua origem se caracterizou pela necessidade de explicar e resolver todos os problemas que aconteciam à sua volta”.

Sabe-se, entretanto, que as leis que regem a compreensão da realidade pela perspectiva racional, assinalada como a razão, apresentam limitação na explicação dos fenômenos à nossa volta, assim como a metafísica, que é compreendida como o meio para especular e entender os fatos desconhecidos à cientificidade, dessa forma, motivando o ser humano a recorrer à religiosidade e a crença em fenômenos metafísicos para o entendimento de fenômenos que circundam a realidade.



Segundo Gusdorf (1979, p. 102): “a consciência mítica bem como a filosófica é a maneira que o ser humano encontrou para organizar um acontecimento sobre a realidade”. No entanto, a partir do século XVIII, no período também conhecido como Século das Luzes, o pensamento religioso passou a perder espaço para as explicações científicas da natureza.

Na literatura, o Fantástico teve suas origens no século XVIII, e problematiza questões que desafiam a razão através da presença de monstros, espectros, demônios e fantasmas, sendo herdeiro de um outro gênero, o Gótico, proveniente da produção literária do século XVIII, no qual as temáticas mostravam oposição às leis naturais.

Botting (2005) ao analisar a produção literária do século XVIII, assinala que se trata de uma escrita em excesso, voltada a valores que excedem o mundo real, assim, assombrando a moralidade e a obscuridade desse mesmo século, através de figuras externas, como: monstros, fantasmas, demônios, espectros, dentre outros. Também cabe ressaltar que ainda nesse século, é ambientado o sombrio e o macabro em cenários como: castelos, ruínas, ilhas e casas mal assombradas, como estética literária para o desenvolvimento da narrativa.

De acordo com Pedra (2012): “a literatura do século XVIII” era fundamentada no medo que as pessoas tinham, da mesma forma que tais narrações eram ambientadas em cenários como castelos, ruínas, ilhas, dentre outros cenários que visavam provocar o medo, o qual também é oriundo do conhecimento de mitos regionais que os escritores tinham.

Assim, verifica-se que o romance Gótico influenciou a narrativa fantástica, que se instaurou na França a partir de obras como: *Le diable amoureux* (1772), de Cazotte, e *Le manuscrit trouvé à Saragosse* (1812), de Jean Potocki (1805). Dessa forma, ressalta-se que a narrativa fantástica elenca histórias em que os personagens vivenciam o sobrenatural, e isso é notável na obra de Cazotte, na qual é apresentado o protagonista Alvare, que vive por algum tempo com um demônio do sexo feminino e hesita diante da presença desse ser, pela dúvida se seres dessa natureza podem habitar o mundo real.

Volobuef (2000) se ancora em Coalla (1994) para explicar que o Fantástico não está restrito a uma única forma, ao contrário, tem se modificado ao longo do tempo, de modo que no século XVIII o gênero esteja relacionado à presença de monstros e



fantasmas, e no século seguinte, lida com questões psicológicas, e tais transformações são evidenciadas na fala de Coalla (1994 *apud* MACHADO, 2013, p.22) ao alegar que:

No século XVIII, o fantástico irrompe do exterior, não é produto da loucura nem da alucinação; surge na forma de fantasmas, vampiros e monstros, presentes no romance gótico, que se caracteriza pelo terror e pela busca do efeito do medo.

Essas modificações se efetivam no século XIX a partir de temas voltados à loucura e alucinações na narrativa, em que o discurso verossímil é utilizado para enfatizar o desequilíbrio mental das personagens da história, assim, havendo a hesitação e ambiguidade como características do Fantástico. Em outras palavras, a imagem externa de monstros, fantasmas, dentre outros, é interiorizada, dessa forma, causando o efeito de loucura, de modo que a hesitação ocorra pelo desequilíbrio mental das personagens, e assim, o leitor optará por uma das soluções possíveis, se questionando se o fato realmente ocorreu, ou, se o personagem da história está tendo alucinações. Discorrendo sobre o tema da loucura, efetivo no século XIX, Amaral (2012) explica que:

O tema da loucura na literatura fantástica é tipicamente representado, no século XIX, por publicações que circundam a transição do século das Luzes à visão Romântica do mundo ocidental. O fantástico, compreendido, de forma geral, como um gênero narrativo que concatena em uma única estrutura o verossímil e o sobrenatural, apresenta, além destes, outros aspectos de constituição. A caracterização do desequilíbrio mental de um personagem, por exemplo, é um traço que o gênero tematiza. (AMARAL, 2012, p. 01-02).

A partir do posicionamento de Amaral (2012) nota-se que a loucura nesse período enfatiza o desequilíbrio mental das personagens, desse modo, convergindo com a concepção teórica de Todorov acerca da hesitação, visto que no século XIX as narrativas se modificam, por elencarem características voltadas às inquietações e emoções da mente humana, explicado por Paglione (2012) ao convergir com Castex, que caracteriza o fantástico do século XIX como uma vertente que relaciona sonhos, pesadelos, alucinações que permitem ao leitor perceber impressões do sobrenatural, pela ausência de lucidez dos personagens.

2.2 A definição de fantástico



Todorov (2012) explica que o Fantástico se define pela relação entre o mundo real e o sobrenatural, de modo que haja a vacilação de eventos sobrenaturais dentro do âmbito real, gerando o efeito de ambiguidade, que para ele, é uma característica fundamental desse gênero. Tal aspecto é elucidado por Todorov (2012) na seguinte passagem de seu texto:

A ambiguidade subsiste até o fim da aventura: realidade ou sonho? verdade ou ilusão? Chegamos assim ao coração do fantástico. Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. (TODOROV, 2012, p.12).

Como observado, a ambiguidade é descrita como um elemento essencial, uma vez que propicia a hesitação entre o personagem e o leitor, de modo que se perguntem se é um sonho, realidade, loucura ou alucinação, e tal dúvida permanece. Isso é exemplificado na obra *Le manuscrit trouvé à Saragosse* (1812) de Jean Potoki, que narra a trajetória de um homem – Alphonse – o qual, ao se separar de seu criado, encontra duas irmãs que lhe oferecem uma bebida no cálice. Após isso, ele passa a noite junto a elas, que envolvem seus cabelos no pescoço desse homem. Ao despertar, depara-se com dois cadáveres. Alphonse tenta compreender se está diante da realidade ou se está tendo ilusões.

Nessa narrativa, a vacilação ocorre pela flutuação entre as leis do sobrenatural no mundo real. Adiante, o leitor se depara com fenômenos inexplicáveis às leis naturais e buscará explicações aceitas somente pelo sobrenatural. Em outras palavras, isso significa dizer que as leis do real e do sobrenatural ocasionam o efeito Fantástico, que na percepção de Todorov (2012), é tratado a partir de uma postura que implica estar convencido de que entes sobrenaturais e acontecimentos sem explicação podem ocorrer no mundo em que se vive. Em diálogo a isso, Todorov (2012) comenta que:

quem percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário, ou existe realmente, como outros seres, com a diferença de que rara vez o encontra. (TODOROV, 2012, p. 15).



As palavras do autor informam que o leitor deverá decidir se os fatos são reais ou não, devido à possibilidade de hesitar diante do fato e vacilar entre o mundo real e o imaginário, de tal modo gerando o efeito Fantástico na narrativa, e isso é evidenciado pelo estudioso nas seguintes palavras: “Há um fenômeno estranho que pode ser explicado de duas maneiras, por tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de vacilar entre ambas cria o efeito fantástico.” (TODOROV, 2012, p. 16).

Para tanto, na classificação de Fantástico não deve haver somente a presença do sobrenatural e a hesitação, faz-se necessário o cumprimento de algumas condições:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a “poética”. (TODOROV, 2012, p. 38-39).

Verifica-se que para tal classificação, devem-se seguir algumas condições: a primeira diz respeito à postura do leitor, o qual deverá considerar o mundo das personagens como o mundo de criaturas vivas, devendo vacilar entre uma explicação natural e sobrenatural dos fatos narrados. A segunda se trata da identificação do personagem com o leitor, e por tal razão, é considerada como facultativa, visto que a primeira e a terceira condição efetivam a classificação do gênero.

A terceira implica no modo de leitura do leitor, em que ele deverá rejeitar tanto a interpretação poética, quanto a alegórica, por estas, afastarem-se do Fantástico. Nas palavras de Todorov (2012), o caráter alegórico é evidenciado da seguinte forma:

Existem narrativas que contêm elementos sobrenaturais sem que o leitor jamais se interrogue sobre sua natureza, sabendo perfeitamente que não deve tomá-los ao pé da letra. Se animais falam, nenhuma dúvida nos assalta o espírito: sabemos que as palavras do texto devem ser tomadas num outro sentido, que se chama alegórico. (TODOROV 2012, p. 38).

Para Todorov (2012), a interpretação poética se afasta do Fantástico, pois existe uma configuração semântica que não descreve a realidade, além de se referir ao



sentido metafórico, típico da linguagem literária, a qual não tende a descrever a possibilidade de um acontecimento ocorrer na realidade.

Todorov (2012) também explica que as narrativas alegóricas são aquelas que o leitor não deverá compreender como reais, por elas admitirem certa sobrenaturalização, em que animais podem falar e interagir como pessoas, e seres inanimados ganham vida, e conseqüentemente o leitor não hesitará.

Ainda Todorov (2012) situa o Fantástico aos gêneros vizinhos: o Estranho em que haverá certa hesitação, porém, ao término da narrativa se chegará a uma explicação lógica dos fatos, e o Maravilhoso, que apresenta personagens com certa magia, com a finalidade de mostrar o fundo moral, estes, podendo definir o modo de leitura e a reação que causa no leitor.

Na teoria contemporânea, Camarani (2014) concorda com Todorov (2012), no entanto, ela vai além, pois explica que o Fantástico está entre outros gêneros, como: o Romance Gótico e o Realismo Mágico, além dos que já são mencionados por Todorov. O Romance Gótico é voltado a temáticas voltadas ao medo, suspense e mistério, quanto no Realismo Mágico, há a sobrenaturalização, porém, o leitor não hesitará diante dos fatos evocados.

Contudo a estudiosa também afirma que a narrativa fantástica é caracterizada pela relação entre as ordens do real e do sobrenatural, a ponto de o leitor chegar à possibilidade de hesitar, ou seja, duvidar se a manifestação dos fenômenos “estranhos, insólitos, mágicos e sobrenaturais” pode convencer o leitor da possibilidade da intromissão de entes dessa natureza ao mundo real.

2.3 O Fantástico no conto *O Horla*

O conto *O Horla* foi publicado em 1877, no século XIX, e é um dos contos mais conhecidos do escritor francês Henri René Albert Guy de Maupassant, pela singularidade de temas que mostram aos leitores caminhos entre o mundo real e sobrenatural. Para tanto, para a ilustração do trabalho foi utilizada a tradução de José Paulo Paes (2004) na coletânea de *Histórias fantásticas*, com a finalidade de mostrar o Fantástico do século XIX a partir do contraste de loucura e alucinação presentes na narrativa.



Dessa forma, o conto apresenta como narrador personagem um homem que diz sentir a sua volta a presença de um ser, o qual no decorrer da história é chamado de *Horla*, motivo pelo qual o protagonista é considerado louco mediante a presença dos sábios e médicos que são figuras que representam a razão e a lucidez na narrativa. Assim, a narrativa retrata como situação inicial a reunião convocada pelo personagem doutor Marrande, que convida três de seus colegas de trabalho e quatro sábios que se ocupam das ciências naturais para irem passar uma hora na casa de saúde por ele dirigida, a fim de lhes mostrar o seu paciente com o caso mais estranho e inquietante que ele se deparou.

Em seguida, entra o paciente, que é descrito como magro, e assim, as figuras médicas têm opinião formada de que se trata de alguém com problemas psicológicos, visto que o homem era magro como cadáver, como são os que possuem o “pensamento doentio”. (MAUPASSANT, 2004, p.43). O paciente é identificado como o narrador personagem, pois, ele narra sua experiência em forma de *flashback*, posto que os fatos são contados como já ocorridos.

O protagonista cumprimenta os sábios e médicos, e explica saber o motivo da reunião, visto que o doutor Marrande durante algum tempo o considerou louco, no entanto, o médico se questiona se o homem realmente é louco pelas evidências que apresenta no relato. Adiante, a personagem conta um pouco de sua vida, dizendo ter quarenta e dois anos, possui uma fortuna e mora às margens do Rio Sena, de onde ele podia avistar todos os dias navios a vela e a vapor vindo de todos os cantos do mundo.

Em seguida, o narrador descreve quando iniciaram as inquietações inexplicáveis, que seguem a hipótese da personagem de que supostamente seria a presença de um ser que lhe causava estas estranhas sensações, como se verifica no texto:

Então fez um ano no último outono, fui cometido de súbito por indisposições estranhas e inexplicáveis. Começaram por uma espécie de inquietação nervosa que me mantinha desperto noites a fio, uma sobre-excitação tamanha que o menor ruído me fazia estremecer. Meu humor azedou-se. Eu tinha cóleras repentinas e inexplicáveis. (MAUPASSANT, 2004, p.44).

Nessa passagem do texto, o narrador explica quando sente a sensação de um peso esmagador sobre seu peito, e descreve quando passa a sentir insônia, motivo pelo qual ele procurou um médico, que recomenda duchas e brometo para que voltasse a dormir, no entanto passou a ter um sonho ainda mais terrível que a insônia, estado em que



o personagem descreve que ao fechar os olhos era como se caísse no nada absoluto, como se verifica na seguinte passagem:

Mal estava deitado, fechavam-se-me os olhos e eu me anulava. Sim, eu despencava no nada, num nada absoluto, numa morte do ser inteiro da qual era bruscamente, horrivelmente arrancado pela assustadora sensação de um peso esmagar-me o peito e de uma boca, que me devorava a vida, sobre a minha baça. Oh! Aqueles abalos! Não sei de nada mais horrível. (MAUPASSANT, 2004, p.54).

O fragmento elucida as sensações sentidas pelo personagem, as quais passam a ser experimentadas por um de seus criados que era muito gordo, que também passou a emagrecer, assim, o protagonista acreditou na possibilidade de se tratar de uma epidemia pela proximidade do rio, e diante disso, decide se afastar da região por dois ou três meses, mas decide ficar devido a um acontecimento incomum, no qual o protagonista descreve que durante a noite bebeu meio copo com água e ao sentir sede tenta beber, porém ele encontra a garrafa vazia, então, o homem tenta entender esse acontecimento, como é possível notar no texto:

Certa noite, bebi meio copo d'água e reparei que a garrafa, colocada sobre a cômoda em frente a minha cama, estava até a tampa de cristal. [...] presa de uma angustia medonha, acendi a vela, e como quisesses beber de novo, percebi com estupor que a garrafa estava vazia. Não podia acreditar nos meus próprios olhos. (MAUPASSANT, 2004, p.45).

Verifica-se nessa passagem do texto que o protagonista procura entender de forma lógica quem teria bebido a água, chegando a duas hipóteses: a primeira diz respeito à possibilidade de o personagem ser sonâmbulo e durante o sono ter bebido a água. A segunda se refere à ideia de que havia alguém a sua volta, sendo essa a possibilidade de hesitação diante dos fatos narrados, através da dúvida do personagem em não poder acreditar no que vê.

O protagonista está convencido de não ter feito nenhum movimento durante a noite, e para comprovar isso ele recorre a outros métodos para descobrir se havia alguém perto dele, de modo que se prontifica a fazer testes para ter certeza de que não havia sido ele quem bebeu a água, como se verifica nas seguintes palavras:



Recorri então a ardis para convencer-me de que não praticava de modo algum aqueles atos inconscientes. Coloquei certa noite, ao lado da garrafa d'água, uma outra de velho Borgonha, uma xícara de leite, que detesto, e doces de chocolate que adoro. [...] o vinho e os doces permaneceram intactos. O leite e a água desapareceram. [...] mas permanecia a minha dúvida pungente. Não seria eu mesmo que me levantara sem ter consciência disso e que inclusive as coisas detestadas, porque meus sentidos, entorpecidos pelo sono sonambúlico, podiam ter se modificado sem perder suas repugnâncias comuns, adquirido gostos diferentes? (MAUPASSANT, 2004, p.48).

A referida passagem mostra a hesitação da personagem ao duvidar de suas ações em estado sonâmbulo, da mesma forma que contesta se ele mesmo não havia adquirido gostos diferentes, pois, nos testes apenas os líquidos eram tocados, quanto aos alimentos sólidos permaneciam intactos. Essa passagem constrói a hesitação, a qual Todorov (2012) considera como “a primeira condição de Fantástico”.

Além disso, o narrador reafirma suas incertezas alegando que há um ser a sua volta, que é explicado no texto que foi chamado de “Horla” aleatoriamente, sendo ele o suposto causador das inquietações da personagem, o qual é inicialmente notado como incerteza se esse ser é real ou não. Dessa forma, vale ressaltar que o termo “Horla”, se trata da junção e adaptação dos vocábulos “Hors” e “lá”, que equivalem ao sentido das palavras: O de fora, de lá ou o do além, conforme a definição do Larousse (2008, p.174). Nesse contexto, nota-se que a relação entre o nome do ser e a tradução desse termo se referem a uma interferência de um ser ou entidade de natureza desconhecida no âmbito do real, mas que, geralmente, são descritos como frutos de alucinação. Também nota-se que há dúvida, a qual se caracteriza como um elemento principal para o efeito Fantástico na leitura, como explica Todorov (2012):

O fantástico implica, pois, uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados. É necessário desde já esclarecer que, assim falando temos em vista não este ou aquele leitor particular, mas uma função de leitor, implícita no texto. (TODOROV, 2012, p.37).

A ideia de hesitação e interpretação diante do texto é reforçada, por tratar da reação particular que cada leitor tem, para assim optar por uma das possibilidades que lhe são impostas, implicando em acreditar ou não nos fatos narrados. Segundo Todorov (2012, p.31), um evento fantástico se instaura quando há dúvida se esse evento é real e pode ser explicado pela lógica ou pelo sobrenatural.



Consequente a isso, o leitor se depara com fenômenos inexplicáveis às leis naturais, e buscará explicações por meio do sobrenatural. Em outras palavras, isso significa dizer que as leis do real e do sobrenatural ocasionam o efeito Fantástico, e isso ocorrerá a partir de uma postura que implica estar convencido de que entes sobrenaturais e acontecimentos sem explicação podem ocorrer no mundo real.

A partir disso, evidencia-se o Fantástico pela hesitação e sobrenatural, identificados na seguinte passagem do texto:

Certa manhã em que eu passeava junto ao meu tabuleiro de roseiras, vi, vi claramente, bem perto de mim, o galho de uma das mais belas rosas partir-se como se uma Mão a houvesse colhido, pois a flor seguiu a curva que teria descrito um braço que a levasse a boca, e permaneceu suspensa no ar transparentemente sozinha, imóvel, assustadora, a três passos de meus olhos. [...] mas seria mesmo uma alucinação? (MAUPASSANT, 2004, p.47).

No fragmento, observa-se a forma na qual o Fantástico se apresenta, através da própria hesitação do personagem em não acreditar no que vê, por se tratar da certeza de que o ser chamado “Horla” é invisível. Conforme Calvino (2004), a essência do fantástico seria o problema da realidade daquilo que se vê, o qual a ciência não teria conseguido solucionar. A acepção de Calvino (2004) problematiza que o gênero Fantástico é constituído pela relação entre as leis do real e do sobrenatural, sendo que o segundo não pode ser explicado pela ciência.

Esse aspecto também pode ser observado na passagem seguinte, em que o narrador conta a experiência de ter visto a página de um livro ser virada sem que a janela estivesse aberta, assim não poderia entrar vento. Como hipótese, o protagonista explica que o ser chamado “Horla” é quem está folheando o livro, fator que é elucidado na fala do personagem:

Ora, tendo dormido cerca de quarenta minutos, reabri os olhos sem fazer nenhum movimento, despertando não sei por que emoção confusa estranha. Nada vi a princípio, depois de súbito me pareceu que uma página do livro acabara de virar-se por si só. Não entra nenhum sopro de ar pela janela. [...] minha poltrona parecia vazia, mas ele estava lá, ele! Atravessei o quarto de um salto para pegá-lo, para agarrá-lo se fosse possível... mas a cadeira, antes que a tivesse alcançado, caiu como se alguém tivesse fugido de mim. (MAUPASSANT 2004, p. 48).

Nessa menção também se verifica que a personagem está convencida acerca da existência do “Horla”. A seguir, o homem descreve seu quarto, contando ter um



espelho que utiliza para barbear-se e vestir-se a frente, porém, é cercado pela estranha sensação de se pôr em frente ao espelho e não ver seu reflexo, como é elucidado no seguinte fragmento:

Diante de mim, minha velha cama de carvalho, com colunas. À esquerda, a porta, que eu postara com cuidado. Atrás de mim, um vasto armário, de espelho, de que me servia todos os dias para barbear-me, para vestir-me, onde tinha o costume de olhar-me dos pés à cabeça toda vez que lhe passava diante. [...] então eu fingia ler para enganá-lo, pois ele me espiava também, e de repente senti, estava certo de que ele lia por cima do meu ombro, que ele estava ali, roçando-me a orelha. Ergui-me e voltei tão rápido que quase cai. Pois bem! [...] enxergava-se como se fosse em pleno dia e não me enxerguei no espelho! Estava ele vazio limpo, cheio de luz. Minha imagem não estava lá dentro [...] e eu me postara a sua frente. (MAUPASSANT 2004, p.48).

Em seguida, o narrador conta que passa a ver uma luz como se fosse dia, descrevendo ver inicialmente como se estivesse entre cortinas de água, e posteriormente vê nitidamente seu reflexo. Nesse ponto, o Fantástico se caracteriza pela dúvida sobre a existência do “Horla”, pois, a vítima impõe como hipótese que este ser bloqueava seu reflexo no espelho.

Segundo Caillois (1965, p.8) citado por Todorov (2012, p.16), “a impressão de estranheza irreduzível é a pedra fundamental do Fantástico”. Tal posicionamento é linear à fala de Caxtex (1963, p.8) ao expor que “o Fantástico se caracteriza por uma intromissão brutal do mistério no quadro da vida real”, que nesse conto é percebido pela presença do “Horla”, que ao término da narrativa é informado pelo doutor Marrande como a possibilidade desse ser existir, visto que ele ouviu relatos de que havia pessoas que estavam abandonando suas casas, dizendo que estavam sendo atacadas por vampiros invisíveis.

Esses pontos convergem com a fala de Paes (1985), mencionado por Conessa e Oliveira (2010) ao discorrer que, no conto *O Horla*, os sábios e médicos se corrompem diante do relato, como se verifica na fala do estudioso:

Em *O Horla* [...] a ciência médica é expressamente convocada pelo protagonista-narrador a fim de achar uma explicação que não a da insanidade para os até então inexplicáveis fenômenos de que foi testemunha a vítima e sobre os quais ele mesmo formula uma vaga teoria que roça os domínios da ficção científica, como seria de esperar de um escritor realista. (PAES, 1985, p.14 apud CONESSA & OLIVEIRA, 2010, p. 05).



Mediante a explicação, Paes (1985) assinala que a narrativa fantástica confronta as leis naturais pela intervenção do mundo sobrenatural, porém, tal efeito ocorre conforme o modo de leitura do leitor, que optará por soluções de causas naturais ou sobrenaturais dos acontecimentos. Em vista disso, se percebe que ao longo da narrativa são apresentados os argumentos que confrontam o estado de sanidade mental da personagem, assim, caracterizando a hesitação psicológica inerente ao Fantástico do século XIX.

3 Considerações finais

Nesse estudo se pôde verificar que existem pontos convergentes e divergentes entre Todorov (2012) e Camarani (2014), pois, o primeiro teórico na perspectiva tradicional informa que o Fantástico está definido com relação ao real e ao sobrenatural, assim como está situado aos gêneros vizinhos: O estranho e o maravilhoso. Por sua vez, Camarani (2014) na teoria contemporânea, considera o aspecto de oscilação entre o mundo real e sobrenatural, e mostra que o Fantástico é situado aos gêneros já mencionados por Todorov, mas vai além, elucida tal definição a outros gêneros, como o Realismo Mágico e o Romance Gótico.

Também se observou que o Fantástico no conto *O Horla* ocorre através de aspectos voltados à loucura e à alucinação, como se verificou em quatro momentos da narrativa: o primeiro, quando a personagem pela noite deixa uma garrafa com água e ao tentar beber novamente a encontra vazia. No segundo momento, o homem descreve seu passeio pela manhã e diz ter visto o galho de uma rosa quebrar-se e permanecer suspensa no ar.

O terceiro momento se refere à passagem em que a personagem ao despertar tem a estranha impressão de ver a página de um livro virar-se por si só, sem que houvesse indício de que ventava. O quarto e último momento é identificado na narrativa quando o homem diz ter se postado em frente ao espelho e não consegue ver seu reflexo. Para tanto, a contribuição desse trabalho se refere a proporcionar a comparação entre a perspectiva teórica tradicional e a contemporânea do gênero narrativo Fantástico, ilustradas no conto *O Horla* do escritor francês Guy de Maupassant.



Referências

AMARAL, A. C. B. **A loucura do século XIX: o fantástico e o leitor implícito em 'O coração denunciador' e em 'O horla'**. Travessias Interativas, v. 4, p. 1, 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/10887431-A-loucura-do-seculo-xix-o-fantastico-e-o-leitor-implicito-em-o-coracao-denunciador-e-em-o-horla.html>. Acesso em: 06/06/2017

BOTTING, Fred. **Gothic**. Simultaneously published in the USA and Canada. This edition published in the Taylor & Francis e-Library, 2005. Disponível em: <http://www.academia.edu/5307551/144174613-Fred-Botting-Gothic-the-New-Critical-Idiom-Bookos-org>. Acesso em: 12 dez. 2016.

CALVINO, Ítalo (Org.). **Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A literatura fantástica: Caminhos teóricos**. São Paulo, SP: Cultura acadêmica: 2014.

CASTEX Pierre-Georges. Anthologie du conte fantastique francais. In: TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 3º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CALLOIS, Roger. Au coeur du fantastique. In: TODOROV, Tzevetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 3º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CYRINO, Hélio Fernando Ferreira; PENHA, Carlos. **Filosofia Hoje**. Campinas: Papiros, 1986.

GUSDORF, Georges. **Mito e Metáfisica**. São Paulo: Convívio, 1979.

LAROUSSE. **Dicionário Larousse francês/português – português/francês: Mini** [coordenação editorial José A. Galvez]. 2ª ed. - São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

MACHADO, Luís Eduardo Wexell. **Vertentes do Fantástico do gótico à álgebra mágica**. 1ª Edição. Petrópolis: KBR, 2013. Disponível em: <https://www.kilibro.com/books/9788581801360/vertentes-do-fantastico-do-gotico-a-algebra-magica>. Acesso em: 06 fev. 2015.

MAUPASSANT, Guy de. **O Horla**, 1877. In: PAES, José Paulo. **Histórias Fantásticas**. Edgar Allan Poe et al. Coordenação e seleção de textos de José Paulo Paes. 5.ed. São Paulo: Ática, 2004. (Col. Para gostar de ler).

PAES, José Paulo. **As Dimensões do Fantástico: Gregos e Baianos**. I: OLIVEIRA, Renan Fornaziero de; CONESSA, Mara Keylla Medeiros. **Entre o Real e o Sobrenatural: o fantástico de Guy de Maupassant**. In: II Colóquio da Pós-Graduação em Letras da UNESP/Assis, 2010, Assis. Anais do II Colóquio da Pós-Graduação em Letras da UNESP/Assis. Assis: Editora da UNESP/Assis, 2010. v. 1.



PAGRLIONE, Marcela. **Aparições do sobrenatural em “Os Cães de Baskerville”, da minissérie Sherlock (BBC)**. In: Anais: III Colóquio “Vertentes do Fantástico na Literatura” Faculdade de Ciências e Letras de Assis 13 a 16 de maio de 2013

PEDRA, Luís Cláudio Nogueira. **A Construção do fantástico na literatura**. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Edição nº 13, 1º semestre de 2012. Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/13/artigos/nogueirapedra.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2017.

TODOROV, Tzevetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 3º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

VAX, L. L’Art et a Littérature fantastiques. In: TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 3º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

VOLOBUEF, Karin. **Uma leitura do Fantástico: A invenção de Morel (A. B. Casares) e o processo (F. Kafka)**. Revista Letras, Curitiba, n. 53, p. 109-123. jan./jun. 2000. Editora da UFPR. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18866>. Acesso em: 04 ago. 2015.